

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Escola de Belas Artes

LUGARES QUE HABITAM LUGARES

LUIZA PEIXOTO BALDAN

Orientador: Dr. Milton Machado da Silva

Dissertação de Mestrado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (Linguagens Visuais) para obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Rio de Janeiro (RJ)
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

LUIZA PEIXOTO BALDAN

LUGARES QUE HABITAM LUGARES

- Dissertação de mestrado para obtenção de título de Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro

- Orientador Dr. Milton Machado da Silva

- Rio de Janeiro (RJ)

BALDAN, Luiza Peixoto.

Lugares que habitam lugares. / Luiza Peixoto Baldan. – Rio de Janeiro: [s.n], 2010.
92 fl.: il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

Orientador: Dr. Milton Machado da Silva

1. Arte. 2. Fotografia. 3. Memória. 4. Infância. 5. Imaginário infantil 6. Ficção

Dedico este texto a todos os que colaboraram de alguma forma para o seu desenvolvimento, seja de forma prática, intelectual ou afetiva.

Agradeço especialmente ao meu orientador Milton Machado da Silva e aos colaboradores Amanda Bonan, Ana Luiza Fay, Bettina Federici, Felipe Scovino Gomes Lima, Fernanda C. Andrade, Fernando Gerheim, Frederico Carvalho dos Santos, Gisele Camargo, Glória Ferreira, Ieda Tucherman, João Doria, Livia Flores Lopes, Marcos Chaves, Marisa Flório Cesar, Maurício Lissovsky, Rafael Chagas Borelli e Tatiana Moreira Campos Paiva, assim como os colegas e professores do LV-PPGAV, que acompanharam e estimularam a realização deste trabalho.

“O homem ausente, mas inteiro na paisagem.”

Paul Cézanne

Resumo

Em 29 anos tive 26 endereços. Na tentativa de demonstrar que a prática artística deriva do imaginário infantil, percorro a memória de forma ficcional para habitar novamente as casas em que morei e, assim, encontrar indícios que sustentem a minha prerrogativa. Defendo que a experiência dessas muitas moradas impregnou em mim o costume de habitar, de me apropriar do lugar do outro, costume tal que também se manifesta no trabalho fotográfico, que se dá na necessidade de habitar qualquer lugar que, atravessado por memória e ficção, possa instaurar novos lugares.

Palavras-chaves

fotografia - arte - memória - ficção - imaginário infantil

Summary

In 29 years I had 26 addresses. In the attempt to demonstrate that the practice in art derives from the childhood imaginary, I scan my memory in a fictional way to inhabit again the houses I dwelled to find inputs to support my prerogative. I defend that the experience earned in varied livings has impregnated myself with the ability of residing new places and making mine the place of others. Moreover, this ability has grown in such way that I apply the pattern in the artwork. By using memory and fiction through photography, I inhabit anywhere in order to inaugurate new places.

Key words

photography - art - memory - fiction - childhood imaginary

Sumário

Capítulo 1 / Da memória infantil e da construção de imagens	8
Capítulo 2 / Da apropriação de imagens	33
Capítulo 3 / Da extratemporalidade dos espaços habitáveis	39
Capítulo 4 / Do espaço habitado	49
Capítulo 5 / Da necessidade de habitar	58
Referências bibliográficas	60
Lista de imagens	62
Anexos / Imagens	65

Capítulo 1 / Da memória infantil e da construção de imagens

Em 29 anos tive 26 endereços em nove cidades.

Desenho um esboço automático qualquer, sem teor específico, e percebo que quando crio imagens, sempre recorro às lembranças infantis.

Penso na casa onde nasci e nas cenas que lá ocorriam, naquele período de nove anos em que convivi principalmente com minha mãe, minha babá e meu irmão, vinte anos mais velho do que eu.

As recordações são tão ou mais vivas do que algumas experiências recentes.

A figura de mamãe em 1985 é bem mais marcante do que a de 2010.

Gaston Bachelard diz que a casa é o primeiro universo e canto do mundo justamente por ser o registro original de lugar íntimo e identitário que permanece enraizado em nós ao longo de nossas vidas, abrigando os mais diversos devaneios e protegendo os sonhos. E provavelmente são esses devaneios e sonhos que me acometem a construir imagens. Não é de se estranhar que interiores de diversas casas sejam bastante recorrentes nas minhas fotografias e ficções, permeadas por todo tipo de paradoxos de tempo e de espaço, deslocação e condensação de cenas. Não creio que se trate de devaneios ou sonhos, mas posso identificar as reminiscências do passado, de certa forma traduzidas nas imagens de hoje através da junção de elementos vividos, arquiteturas reconhecidas e ambiências que ficaram marcadas na lembrança. A casa do meu passado, ou melhor, as casas são imperecíveis e se somam umas às outras, fazendo com que eu habite espaços heterogêneos e fantasmáticos; etéreos e carregados; espaços *estranhos* (do conceito freudiano de *unheimlich*), os quais relacionam o "familiar", "pertencente à casa", a algo sinistro, escondido, secreto. Posso dizer que busco trabalhar com imagens "domésticas", "familiares", que provocam a sensação de estranhamento e até de desorientação, ligadas diretamente à memória da minha infância, a qual serve como banco de dados para a produção artística. Desse modo, o trabalho está sempre em construção e nunca se cessa.

Na literatura fantástica, a Casa é uma das metáforas mais usuais para a
Mente.¹

Rua General Urquiza, 106/101, Leblon, Rio de Janeiro. Meu primeiro endereço fornece imagens dispersas, que às vezes confundo entre fantasia e realidade. Foi a casa onde nasci e vivi por mais tempo e, depois dela, nunca consegui morar mais de dois anos no

¹ TAVARES, B., *Freud e O Estranho*, p. 18

mesmo lugar. Posso percorrer seus cômodos e habitá-la novamente porque esta é a minha noção de casa, de estabilidade, em sua realidade e em sua virtualidade, e a apreendo através da imaginação. Experimento a mesma relação com outras residências que têm um peso imagético significativo para mim. Alguns casos específicos não sei se foram registrados pela minha memória ou pela assistência dos álbuns de fotos e das histórias que os mais velhos sempre contam, mas, seja o que for, existe um corpo de imagens que me acompanha ao longo dos anos e faz com que a(s) casa(s) permaneça(m) viva(s) em mim.

Para o sonhador do lar um âmbito imemorial se abre para além da mais antiga memória.²

4.

Acordo pela manhã no quarto da mamãe. Ela não me deixa dormir sozinha e quer economizar no ar-condicionado. Levanto e ela já foi trabalhar. Tudo ainda meio escuro, persianas fechadas e o ruído longínquo dos freios dos ônibus. Num lapso, tropeço no carpete e saio ao corredor na penumbra de muitas portas que deixam vaziar um risquinho de luz pelas frestas de baixo. Ao todo, somam-se sete portais. O caminho é enorme e parece não ter fim, se não fosse pelo *hall* que se vê ao fundo quando a passagem está aberta. Um umbral que explode claridade para dentro daquele corredor sombrio.

Nunca me esquecerei desse apartamento. 220 m² de muitos quartos, salas e corredores que eu navego sozinha como uma descobridora. Entro nos armários e vasculho as vidas dos que nunca estão. Ouço discos, provo roupas, vejo fotos,

² BACHELARD, G., *A Poética do Espaço*, p. 25

tiro cochilos nos colchões dos outros. Infilto-me em todos os cômodos da casa e então eles me pertencem. Sou a única a ter cinco quartos.

Ganhei um andador e fui o ser mais feliz percorrendo o corredor de cima a baixo. Aprendi a andar e a correr. O caminho estreito na época parecia enorme. Um dia eu tombei e apareceram babá e irmão para me socorrer. O outro irmão tirou uma foto da minha cara de choro desesperado sendo amparada por mãos protetoras.

A porta pesada da escada do prédio bate atrás de mim e faz um eco surdo. Tenho medo daquela descida cinza que fede a não sei o quê. Corro, salto dois degraus de cada vez, até chegar ao *play*. Lá não tem brinquedos, apenas uma ampla área vazia na qual posso inventar o que fazer. Paredes de concreto, chão de concreto.

Aprendi a andar de bicicleta ali, ralando o joelho no concreto. Um espaço nada infantil, nada convidativo. Não existem outras crianças no prédio além de mim. Tenho muito medo do Raimundo que mora nos fundos, naquele canto que nunca atravesso. Vejo a luz que sai da janela do quarto dele e nunca cruzo a linha que se desenha no chão. Aquele território não me pertence e, portanto, respeito-o. Um dia ganhei um pedaço de melancia e passei mal durante uma semana. Tenho muito medo do Raimundo.

Ao sair da classe, encontro mamãe na loja de móveis em que trabalha. São 18:30h, mas ela não sai até às 22:00h. Busco o que fazer naquele intervalo, num mundo de mobílias numa grande casa retalhada, labiríntica. Brinco sozinha numa sala de estar, durmo um pouco numa cama, faço fotocópias do meu rosto na máquina de *xerox*. Tento me entreter, mas rapidamente terminam as opções de ocupação

daquele galpão que conheço de cor. Morro de tédio. A espera é interminável.

Acho que três anos já se passaram.

Deito no chão sobre o carpete quentinho. O sol pinta um retângulo sobre mim e acompanho a forma a passear pelo meu corpo. Olho pela janela e no finzinho da paisagem avisto o prédio que um dia pegou fogo. Lembro-me bastante daquele dia. Não nos movíamos daquela mesma janela, entre perplexos e estarecidos, talvez aliviados por estarmos a salvo. Um tio com uma câmera de vídeo alternava entre o incêndio e as minhas caretas com os óculos de sol de mamãe.

Provavelmente memorizei o evento graças à gravação, mesmo sem distinguir o fato da ficção.

A Bá mora num quarto que é um espaço-entre. Na verdade é uma passagem entre o corredor "social" e o de "serviço". Não tem janelas, mas duas portas que se miram. Tudo cabe perfeitamente. Abdico do apartamento enorme para ficar ali. Uma vez abri um guarda-chuva e fiz dele uma casa de boneca. A casa de uma casa de uma casa, como micromundos se sobrepondo em camadas.

Sempre caminho pelas paredes do corredor, pé após pé, como o Homem Aranha. Escalo estantes e prateleiras para me esconder. Lá em cima comecei a ler livros, começando pelas enciclopédias e pela coleção "Primeiros Passos". Longas horas que terminam com o cheirinho de bife e batata frita, anunciando o almoço. Na estante do quarto de mamãe encontrei um presente surpresa embrulhado em papel colorido. Também encontrei um revólver. O susto foi tão grande que desabei. Estatelada no chão, o coração a mil, como se tivesse sofrido o disparo.

A primeira vez que fui à rua sozinha foi para comprar bexigas na papelaria. Era uma quinta-feira e o mercadinho público estava armado. Eu conhecia alguns vendedores que me davam morangos e linguiça crua. Na volta para casa, uma mendiga com um saco muito grande arrastando pelo chão me agarrou pelo braço. Acho que queria me raptar. Não sei como consegui me desgarrar, mas pude correr até a portaria de casa e fui salva pelo porteiro. Não pelo Raimundo, pelo Zuca.

Em algumas noites, a Bá me conta histórias para dormir. Eu percorro a voz dela com as imagens que se desenham na minha cabeça. O caminho que João e Maria encontram doces, assim, meio escuro, meio claro, com rajadas de luz que penetram os galhos das árvores. O pé de feijão que atravessa nuvens. O arco-íris onde os ursinhos escorregam até encontrar um pote de ouro no qual mergulhar. Aliás, sempre recorro a esse arco-íris quando tenho pesadelos ou preciso afastar fantasmas. É a imagem que me tranquiliza.

No caminho para a praça, larguei da mão da Bá e atravessei a rua sozinha. Não sei o que me deu, mas precisava me desgarrar e sair correndo. Foi o único grito que ela me deu até hoje. O medo e a raiva dos olhos dela nunca saíram da minha lembrança. Entendi aquilo como preocupação, mas na hora quis fugir para não ser repreendida.

A cômoda de madeira que guardava minha roupa era forrada internamente por um papel branco de florzinhas vermelhas e tinha cheiro de cedro misturado com lavanda. Por um tempo, todas as minhas roupas pareciam reproduzir aquele padrão de diminutas flores coloridas com um perfume peculiar. De repente, o quarto todo mudou para rosa-choque e branco, bolas e listras, como se carecesse

de mais sobriedade na decoração. Minhas roupas foram parar num grande armário com cabides brancos iguais aos da minha mãe, mas em tamanho menor. O cômodo passou a me afugentar. Eu queria desenhos de bonequinhas japonesas, rosa-pastel, iguais às do papel de carta, mas mamãe não entendia. O tal espaço que deveria me acolher não tinha nada de meu. Colcha e almofadas que combinavam apenas com a cortina.

Recolho do armário todas as roupas da minha mãe que possam caber em mim. Do bustiê faço saia, da blusa faço vestido. Uso os sapatos de salto enchendo as pontas com algodão. Levo todo o figurino para o bar da sala e ali monto meu camarim. Escolho músicas apropriadas para desfilar. Sozinha, invento uma plateia. Troco de roupa a cada passarela. Eu mesma me apresento e eu mesma me despeço.

Já quis ser cantora, dançarina, mas agora quero ser repórter. Tenho um microfone e passeio pela casa narrando fatos fictícios que invento no ato ou vou para a cozinha reproduzir os programas de culinária e seus produtos publicitários. Invento também uma câmera imaginária para a qual olhar. Toda a minha fala se dirige a esse cinegrafista invisível. Às vezes a câmera é o espelho. Acho graça quando vejo a minha boca se mexendo, mas tenho convicção da minha habilidade nata de comunicadora. Papai sempre me diz que serei repórter.

Travessa das Violetas, 100, casa 8, Algodual, Cabo Frio. Esse endereço não existe mais. O nome da rua mudou e a casa foi vendida. Meus pais a tinham desde antes de eu nascer. Era uma casa vertical, bastante alta e estranha, na qual meus irmãos, primos e tios se hospedavam habitualmente. Quase nasci lá. Mamãe, com cinco meses de gravidez, teve uma

hemorragia enquanto caminhava nas dunas e meu pai a encontrou desacordada, estirada na areia. Fui batizada lá. Depois que completei três anos, quase não se frequentava mais Cabo Frio. Meus pais se separaram, os irmãos se mudaram, os tios compraram suas casas. Passamos a viajar mamãe, minha babá e eu. Odiava o momento da viagem, mas depois nunca queria partir. Um dia ameaçaram vender a casa. Colocaram uma placa de latão pendurada na varanda, e eu, que pesava 36 kg, consegui arrancar o anúncio e atirá-lo longe. Aquele lugar era o meu castelo. Quando já estávamos em outro estado, sugeri à mamãe que voltássemos a morar lá. Achava que beber água de coco diariamente lhe faria bem. Achava que o mar lhe faria bem. Mudamo-nos logo em seguida, apenas mamãe e eu, mas acabei abandonando tudo por um outro lar. Só três anos depois eu voltaria para habitar o meu castelo. E fui e voltei muitas vezes.

Quando a casa se complica um pouco, quando tem um porão e um sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais bem caracterizados.³

2.

A casa é uma torre de cinco pavimentos em zigue-zague. O meu quarto fica no terceiro andar e tem um sótão que me dá medo e vontade de subir. É o espaço da minha solidão. É o espaço do meu silêncio. Só tem uma parede pintada de branco e todo o resto é preto, inclusive a coluna da escada. Móveis antigos em madeira escura e caixas de papelão de mudanças passadas são deixados lá em cima. Gosto de bisbilhotar. Apesar do incômodo cheiro de mofo, demoro-me. Já li diários e pus o vestido de noiva da minha irmã. Na única parede branca, tem um quadro pendurado: uma pintura de um grande edifício em chamas sendo apagadas por

³ Ibid., p. 27

bombeiros, com muitas pessoas correndo de um lado a outro, pulando pelos ares ou passeando calmamente pela calçada. Um caos. Passo bastante tempo em silêncio analisando essa cena e recordando-me do prédio que de fato vi incendiar. Também olho através das janelas emperradas pela maresia e que não abrem mais. Tem uma redondinha – que dizem ter pertencido a um navio – que nunca abriu. Consigo avistar o mar através do vidro. Durante horas, observo o azul turquesa lá longe, lindo, contrastado com a areia mais branca do mundo. Imagino como seria bom estar em contato com aquela vastidão. Não posso sair sozinha.

Ao me aproximar da escada, passo pelo menos dois minutos olhando para cima. Preciso ter certeza de que não há ninguém na casa. Quando entrei correndo, sem olhar, tinham roubado tudo. Emigrei por três meses porque tinha pânico da possibilidade de me deparar com um estranho em minha própria casa. Agora sempre deixo as luzes acesas. Durmo com a televisão e o rádio ligados.

Na sala de jantar tem uma mesa de vidro. Deito embaixo dela e vejo tudo através. Formigas carregando migas de pão, o embaçado que ficou do copo d'água, o arranhão do molho de chaves. Fico naquela redoma, quietinha, como se ninguém pudesse me ver, nada pudesse me incomodar.

A mesa de jantar de dez lugares já não cabia em lugar algum. Ficou numa parte menos usada da varanda. O jacarandá foi envelhecendo aos poucos, porque, além dos cachorros que dormiam em cima, ninguém dava muita bola.

Enquanto mamãe faz sauna, eu peregrino pelo condomínio. A sala de sinuca, o deque, o jardim. A estátua do anjo-caído no meio do canal marrom que, com o

fim da tarde, fica azul. A maré cheia traz a água até a prainha. O vento fino balança as bolas laranjas presas aos fios aéreos. O banheiro é comprido, frio, com cheiro de eucalipto, papelzinho molhado picado e montinhos de cabelo no chão. Fotos de pescadores e suas presas, campeões do ano de 1957, são expostas ao longo dos corredores. "– Seu Otacílio, faz-me algo de comer!" Batata frita, ketchup, guaraná, ovo de codorna, água de bolinha, camarão com catupiry, suco de limão. Escondo-me no carro, com o rádio ligado, atenta aos outros carros que de verdade passam do outro lado do cobogó. Finjo ser uma motorista, até que me canso, abaixo o banco e durmo.

A casa nunca foi acolhedora. O banheiro frio, com cocô de lagartixa nos cantos, com esquadria de alumínio do box quebrada, com porcelana da pia escura que fica russa depois da pasta de dente, com teias de aranha debaixo do armário, com mofo no armário, com traça no armário.

Quando tínhamos visita, tudo ficava mais animado. Pessoas falam alto, se movimentam, cantarolam. Quando estamos sozinhas, não há muito o que dizer. Fazemos a *siesta* depois do almoço de mãos dadas enquanto vemos a novela.

Rua Pajurá, Jacarepaguá, Rio de Janeiro. Nunca fui à calçada sozinha. Era a casa dos tios e primas, onde fomos nos refugiar até conhecermos nosso próximo paradeiro. Deixei de ser visita para ser moradora. Perdi a cerimônia e abri a geladeira. Botei o pé no sofá. Aprendi a rezar antes de dormir no quarto que não era só meu, mas era quente. Dormi na bicama. Descobri como ficar só e em silêncio num reduto familiar de muitos outros. Encontrei meu campo perdido.

E todos os espaços das nossas solidões passadas, os espaços em que sofremos a solidão, desfrutamos a solidão, desejamos a solidão, comprometemos a solidão, são indeléveis em nós.⁴

3.

A melhor coisa daqui é a piscina. Sempre tem uma bola, dois bambolês e cadeirinhas de plástico coloridas na beira. Só nado de dia porque preciso enxergar o chão. Beijo roxo de frio. À noite tenho medo de me afogar. Prefiro olhar a água de longe, da sala de jantar, onde me sinto mais protegida. Gosto de vê-la mover-se com o vento e a luz balançando o azul em tonalidades brilhantes.

Nos fundos da piscina tem uma escadinha que dá para um bosque. Nunca entendi aquele terreno vazio de pés de frutas e muitas cadeiras empilhadas. Só vamos ali para buscar a bola que escapa da brincadeira.

Tomamos vitamina de banana de manhã, daquelas que ficam esperando na bancada a gente acordar, quando a banana se solta do leite que se solta do açúcar, e fica escura.

O banheiro com piso, vaso e pia azul-marinho. Com sabonete Phebo. Com sauna no chuveiro. Com azulejo de flores que por vezes se repetem. Eu sento no vaso para procurar os azulejos errados. Tem um quadro de uma tourada espanhola com o nome do meu tio impresso. Tem um tapetinho rosado que não combina com nada. Creme de massagem capilar para usar com touca térmica.

⁴ Ibid., p. 29

O último andar é um terraço, meio lavanderia, meio guarda-entulho. O varal fica estendido e a gente usa como rede de vôlei. O telhado é transparente e por vezes me pego observando as folhas que ficam presas lá em cima. Durante uma semana, acompanhei uma folha mudando de cor paulatinamente, até que o vento a levou embora.

Domingo a gente almoça um prato banhado de feijão, com arroz, abobrinha e carne moída que boia por cima. Bolinhos de soja. Jogamos Lince. Outras cadeirinhas de plástico coloridas, tamanho mini, se espalham pelo quintal verde-musgo.

"Somos do azul-azulzinho."

Na casinha de boneca da prima, também em tamanho mini, só se pode entrar com autorização. Ficamos do lado de fora, imaginando o interior da casinha, com vontade de estar lá, de morar lá.

Av. 7 de Setembro, 137/1101, Ladeira da Barra, Salvador. O endereço de férias passou a ser minha residência fixa. Casa sem raiz. Deixei de ser a turista legal para ser a lourinha carioca metida. Acolhimento e hostilidade. Passei de um mundo sonhado para um mundo construído, áspero. Em casa tinha o calor verdadeiro de pessoas agradáveis; no colégio tinha a aridez repelente de crianças invejosas que não me queriam bem. Já tinha me acostumado a viver na casa dos outros, então não seria difícil me habituar a mais um cômodo compartilhado. Aprendi aos poucos a ser menos egoísta, mas não menos solitária. Cultivei os meus cantos particulares em meio ao mar de gente que me cercava. Aos poucos, cativei a simpatia dos desconhecidos e me senti menos excluída. Cresci, amadureci, entendi e respeitei o mundo à minha volta, concentrei em mim a noção de estabilidade, e me desapeguei absolutamente das paredes que me abrigavam e do que se chamava casa.

4.

Tenho amigos em todos os andares. Conheço todas as casas e cada uma tem um cheiro, uma cor, um cachorro. Desço os 24 andares pela escada para tocar todas as campainhas. Quando não quero sair, fico na varanda vendo o clube, a baía. Em tardes de muito sol, a água brilha tanto que cega. Adoro ver as pessoas, ou melhor, pontinhos que, como lagartos, passam as tardes na boia ancorada perto do deque. Sonho com aquela boia. Quase posso sentir o sol me queimando a pele, o cheiro de coco do óleo bronzeador, a conversinha mole da pessoa estirada ao lado, o radinho de pilha.

Levei bastante tempo para descobrir o campinho. Tinha que descer uma trilha que começa no térreo. De lá avisto as áreas de serviço do prédio, com muitas roupas penduradas e música variada. A repetição de vãos é tanta que cria uma malha na fachada de pastilhas brancas e marrons. A alta construção faz uma sombra que cobre parte do gramado.

A parte da frente do prédio é ocupada por um vasto parque a céu aberto. Temos balanço, escorrega, gangorra e carrossel. Não é bem um carrossel, mas um daqueles brinquedos que a gente roda sem sair do lugar. Fico tonta, porque, ao girar, vejo de relance o prédio muito alto às minhas costas e que de repente perde a referência e fica para trás. As grades que mostram a rua desaparecem na velocidade e só consigo identificar os carros e todo o resto que se move ao meu redor. Nessa grande área de lazer, nos reunimos para ver o carnaval passar. Os carros de som e as pessoas correndo atrás do trio.

Durmo numa caminha debaixo da janela. Sempre olho para o céu e acompanho a mudança de fases da lua. Um dia foi eclipse. Os prédios vizinhos vão se apagando pouco a pouco, janela por janela, até restar só a luz da lua em meio às torres.

Muitas vezes chego tarde para almoçar, para poder comer junto com a Didi no quartinho dos fundos. Ela come "capitão", fazendo montinhos com a mão.

Vemos novela juntas.

A sobrinha pequena me procura chorando e eu me escondo na escada.

Farol de São Tomé, Campos dos Goytacazes; Rua Doutor Cyro Lopes Pereira, Jardim da Penha, Vitória; Rua Maria A. Madeira, 15, Mata da Praia, Vitória; Av. Desembargador Augusto Botelho, 157/302, Vila Velha. *Pater familias*. Tinha um pai, uma mãe, uma irmã, um cachorro, uma avó, uma tia-avó, algumas tias, algumas primas. Fora o meu pai, tudo era posição, mas tive o suficiente para saborear e entender como uma família funcionava. De repente as pessoas ficaram pendentes de mim, dos meus horários, da minha alimentação, dos meus hábitos. Aprendi a cozinhar, a passar roupa e a administrar as grandes casas nas quais morávamos. Olhos me olhavam. Pela primeira vez rimos no Natal e pulamos Carnaval juntos. Ia pro colégio sozinha, menos às quartas, quando tinha Educação Física e papai me levava de carro às 6:10h.

5.

No meio da sala tem uma grande mesa de sinuca de feltro verde. Meu pai me ensinou a jogar. Também o órgão me ensinou a tocar. Revezamos entre o bilhar, o cai-cai-balão e a palavra-cruzada.

Aos fundos, uma casinha branca geminada de dois andares fica trancada. Vejo a copinha de uma árvore brotando no telhado. Tenho vontade de subir, mas não posso. Ali se hospedou meu irmão, me disseram. Não o vejo há tempos.

O mar logo à frente. Mesmo feio, cor de Coca-Cola, sinto-me atraída. É que, por primeira vez, tenho acesso ao mundo. Posso caminhar irrestritamente. Sento na areia e contemplo. Meninhas brincando, o sol queimando fraquinho, tão leve diante daquele mar, observando as peladinhos alegres. Volto a ficar em silêncio. Recordo-me da maresia de outrora, mas não sinto saudade. Olho para trás e vejo a casa, sólida, me esperando. Desfruto daquele momento sem querer outro.

Passeamos, meu pai e eu, pela estrada. Talvez seja a cena mais corriqueira da nossa vida em comum. Sinto um prazer enorme em contar as linhas amarelas que separam as pistas asfaltadas, decorar placas de carros e rir das frases dos caminhões. Papai sempre me pergunta quem é o rei da hora – "reilógio" – e o rei da horta – "reipolho" –, e passo o resto da viagem tentando inventar algum rei novo que ele não conheça. A paisagem vai e vem, e busco casinhas perdidas no meio do verde. Nunca entendo como as pessoas chegam até elas. Gostaria de chegar também. Me fazem lembrar de uma casa na qual brinquei uma tarde quando ainda era bem pequena. Não sei os donos. Recordo-me apenas do gazebo, da longa e silenciosa salina, e de um pórtico. Talvez tenha sido a primeira vez que o horizonte parou na minha frente de forma tão direta e intensa. Fiquei hipnotizada pelo céu, que parecia poder me sugar para outra dimensão. Ficar com papai sempre me dá a sensação de poder ir à outra dimensão. Sinto segurança e devaneio.

Ele cantava: "Escureceu, com a chegada do escurinho fica tudo denegrado, seus olhos, sua boca, tomam um certo colorido, nem o diabo quer se parecer contigo, cruz-credo que perigo..."

A fábrica de gelo é um mundo à parte. Papai é o dono, o chefe, e eu sou uma princesa ao seu lado. Sonhei um dia que trabalhava lá, de roupas e botas brancas, entrando e saindo dos grandes frigoríficos metalizados. Quando ele deixa, trabalho na contabilidade e atendo o telefone. Em casa, monto meu próprio escritório.

Outro quarto que não é só meu. Divido *irmãmente*. Temos duas camas, duas mesinhas, dois capachos, duas cômodas. No início, era um quarto de casal ocupado por duas pré-adolescentes, com uma foto de palhaço na parede, e um cabideiro cheio de bolsas coloridas que não pertenciam a ninguém. É incrível como sempre ocupo o lugar que já foi de alguém. Nunca entro num quarto virgem e projeto o espaço em que vou morar. Adapto toda e qualquer situação com o afã de habitar.

Tenho uma amiga da minha idade para compartilhar tudo. Nunca soube bem o que era isso dentro da minha bolha individual. Ter uma companheira significa inventar junto, imaginar junto, aprontar junto. Até então, tudo o que eu fantasiava pertencia apenas a mim mesma. O fazer coletivo não está tão mal assim, mas ainda esforço-me para ser solidária, altruísta.

Sáímos à noite para pedalar pelos becos do bairro. Damos tapinhas nos postes para que eles se apaguem, deixando uma trilha escura atrás de nós.

Muitas vezes, aos sábados, os homens se reúnem lá em casa para ver esporte na televisão. Fecham as persianas, as portas, e somos proibidas de entrar no recinto. Uma vez, do lado de fora da casa, espiamos pela janela. Lá estavam os três, cada um num sofá, copo de cerveja na mão, ar-condicionado ligado, assistindo a um jogo de futebol.

Desde que ganhei um toca-fitas, não me desgrudo dele. O meu programa preferido é pôr o som bem alto, apagar todas as luzes e ficar dançando sozinha. Pego as capas dos discos e aprendo a cantar em inglês. *California Dreamin'*, *Monday Monday*, *Pump up the Jam*. As janelas, como são cobertas por um vinil escuro que filtra o sol, dão uma coloração engraçada, tipo fumê, à sala. Danço horas a fio sem me preocupar, sem ter vergonha, sob aquela penumbra estranha.

Tem uma santa no meu quarto que fica perto da janela e que serve para me proteger. De dia é tão boazinha, manto azul, véu branco, pisando numa cobra. De noite me deixa insone. As luzes da rua a iluminam por trás, as cortinas balançam e a deixam em evidência, tridimensional, imponente. É como se crescesse, virasse humana, e pudesse caminhar até mim. Tenho medo e jogo videogame até clarear. Quando papai morreu, culpei a santa.

Rua Nóbrega, 242/1202, Icaraí, Niterói. Só tinha mulher: minha irmã e as duas sobrinhas. Eu era um híbrido de filha, irmã, afilhada e órfã. Todos me fitavam com pena e eu me revoltava por estar perdida. Morava num apartamento numa cidade estranha, que eu olhava pela janela sem compreender a direção das ruas. Não me imaginava conversando com ninguém na esquina. A cabeça ficara por outras bandas. Tinha tanto e tinha tão pouco. Sentava no corredorzinho que ligava os quartos e observava as horas passarem até escurecer.

Não conseguia me adaptar no colégio e me juraram de morte porque xinguei. Preferia ficar em casa, febril, do que enfrentar o mundo. Esperava ansiosamente pelo carteiro, que me traria a felicidade longínqua. Todas as lembranças guardadas em papéis, numa caixinha de correio velha, para poder acessar sempre que necessário – diariamente. Durei pouco ali e fui me abrigar num canto mais conhecido e menos amedrontador.

6.

Todos na festinha de criança. De saco cheio, me escondo no quarto. Misto de tristeza, desesperança, tédio. Subo na janela e olho longe, o vazio. *Espelhismo*. Não tenho coragem de me mexer. Desço. Ligo a televisão. Durmo.

O apartamento é compacto. Tudo tem seu lugar, menos eu.

Invado a estante de livros da minha irmã que agora fica no meu quarto. Dei pra ler livros de bruxas e esoterismo, e alguma coisa de política. Passo tardes inteiras vendo filmes alugados e faço pouco mais que isso.

O sol da tarde cai direto na minha cama... o calor é insuportável. Fecho a cortina e vivo no breu, 24 horas.

Dei pra ouvir rock. *Guns 'n Roses, Metallica, Kiss, Pearl Jam, Nirvana*. A música apoia meu temperamento. Assisto vídeos de shows e penso que seria uma boa saída para mim seguir uma banda de rock pelo mundo. Viver em *trailers*, sem lugar fixo para morar, sem paradeiro certo, recebendo para viajar.

Rua Almirante Saddock de Sá, ?/202, Ipanema, Rio de Janeiro. Voltei à cidade grande, que já não parecia tão grande assim. Minha irmã tinha outra família e fui participar da nova convivência. Voltei ao mesmo colégio, tentei voltar aos mesmos amigos. Na verdade, não consegui voltar a quase nada. Precisei construir tudo de novo. Nem parecia que havia nascido e crescido ali. Na verdade, não tinha. Nos tais seis anos longe da minha cidade natal, eu havia vivido uns vinte. Era praticamente uma adulta com cara de adolescente. Meus sonhos se remontavam até a primeira casa que tive, onde guardei as mais fortes lembranças de um tempo feliz, seguro. Mas, depois, percebia que os sonhos não mais se restringiam a uma geografia definida... tudo se misturava, se estendia, se enroscava, se repetia. Já não podia dizer nem onde nem como a memória começava, só sabia que ela existia porque insistia em brotar a cada dia em qualquer instante. O *déjà vu* era constante e todos os lugares me eram familiares. As pessoas se pareciam a outras pessoas. E a cada nova experiência, novo relacionamento, era como se camadas de tempos e pessoas se multiplicassem. A vida se enriquecia mais do que o normal, porque eu reconhecia essas camadas. Eu valorizava mais as conquistas e as relações absurdas que nasciam dos novos encontros. Coincidências, casualidades, tudo isso, de repente, era capaz de acontecer no meu cotidiano.

Toda grande imagem tem um fundo onírico insondável e é sobre esse fundo onírico que o passado pessoal coloca cores particulares. [...] Parece que habitando tais imagens, imagens tão estabilizadoras, recomençariamos outra vida, uma vida que seria nossa nas profundezas do nosso ser.⁵

⁵ Ibid., p. 50

7.

A vontade de morar num prédio antigo começou quando passava as noites de sexta na casa da vovó. A entrada do edifício tinha colunas enviesadas e parecia o cenário de algum programa de televisão. Chegava sempre por volta das 18h, já escurecendo, com as cigarras histéricas nas árvores das ruas. Minha avó me esperava com um copinho de café com leite, pão com manteiga esquentado no garfo, direto na boca do fogão, e pudim de coco. A sala tinha sanca e sinteco. Sentada no chão, eu costumava espalhar a coleção de lápis nos tacos de madeira – lápis de brinde de alguma loja de ferragem que vinha com uma borrachinha acoplada à ponta. Era bom não sentir o pinicar do carpete. Na parede tinha um enorme retrato do Papa, aquele que visitou o Brasil no ano em que nasci. Eu achava que ele era o marido da minha avó, mas nunca achei que fosse meu avô. Meu avô era o Chacrinha.

2941004

Minha janela é de fundos e vejo um trecho da Lagoa. O vizinho da frente é hippie e mora numa casinha de madeira, tipo "casa da árvore". Escreve à máquina, ouve jazz. Aos poucos, começo a apreciar o jeito de o hippie viver, com a exceção dos enormes cabelos grisalhos que tocam o chão. Gravo fitas direto da rádio, coloco uma samambaia no quarto, encho de livros a mesinha de cabeceira, tudo para criar um ambiente parecido com o do hippie. Fico mais esperta, mais atenta, mais íntima, mais solitária, mais silenciosa. Não tenho vontade de socializar com os demais na casa, então faço do meu quarto um lugar autossustentável. Tenho tudo que preciso a meu alcance. A cama fica embaixo da janela. Se quiser ficar debaixo

das cobertas, lendo, vendo televisão e ouvindo música, posso. Também posso espiar o hippie. Tenho todos os controles, todos os comandos.

Rua Visconde de Pirajá, 60, Ed. Emeieme; Rua Humaitá, 170 / Instituto Social. Rio de Janeiro. Eu não cabia mais na casa em que morava. Ninguém se entendia, e eu, na certeza da minha idade, achava que entendia tudo e me revoltava com a falta de compreensão alheia. Fui colocada no apartamento de uma tia até terminarem as aulas e morei sozinha aos quinze anos. Depois, fui morar num pensionato feminino para moças maiores de dezoito. Mamãe intercedeu junto à madre superior para convencê-la a hospedar-me. Passei oito meses entre solteironas, idosas e estudantes estrangeiras. Eu era a única adolescente, no segundo grau do ensino médio, que era do Rio de Janeiro e morava num pensionato no Rio de Janeiro. Eu me sentia muito segura de mim, com minha identidade falsificada e meu maço de cigarros. Convivia com pessoas mais velhas e me comportava como elas, para o bem e para o mal.

Como se em nossa vida sucedesse como em um museu, onde todos os retratos de um mesmo tempo têm um ar de família, uma mesma tonalidade.⁶

8.

A porta bate e me encontro sozinha entre malas, bolsas e caixas.

O bafo quente do sol da tarde na sala fechada há meses.

Fico feliz em morar sozinha, mas não sei bem o que fazer.

A geladeira vazia, o lençol de sabe lá quem.

Vidros de creme pela metade.

⁶ PROUST, M., *No caminho de Swann*, p. 40

Sento no sofá e ligo a televisão. Os ônibus lá fora não me deixam ouvir o jornal.

Nunca bebi, mas tenho vontade de um trago.

Pego a chave e vou comprar pão com provolone.

O porteiro não me conhece e não lhe dou confiança.

Sinto náusea do medo de estar sozinha na casa dos outros.

Passo a noite em claro, olhando pela janela as luzes que nunca se apagam.

Quando por fim adormeço, o Rei Roberto invade o quarto pelo apartamento do vizinho.

Bastante sol entra na casa e me sinto mais contente por morar ali.

Arrumo minhas tralhas sem desarrumar as dos outros.

Faço comida e me sinto orgulhosa do lar.

Quando a solidão bate, domingo na hora do almoço, sem ter com quem falar, choro ou pego um livro ou passeio na praia.

Sempre morei em casas grandes, mas agora preciso me resumir a um quarto numa casa grande. Tenho uma pia, um forninho e uma geladeira, mas preciso compartilhar o banheiro e a cozinha com as outras moradoras. Um senso de bem-estar misturado com a estranheza de um abrigo comunitário.

Os longos corredores pintados de verde-água têm cerca de 50 portas e nenhuma janela. Chão de madeira antigo, com tacos soltos, que rugem quando alguém passa. Ruído seco, repetitivo. Poucas luminárias e nenhuma claraboia. Luz de verdade só nas salas de convivência e de televisão. Mulheres de roupão, de camisola e meia, que se reúnem para assistir noticiário e novela.

De repente o telefone toca e alguém precisa atender. Quem vai responder precisa cochichar, porque não se tem privacidade.

As mais jovens se juntam em uma das alcovas para conversar, fumar e beber. A toalha providencial tapa a fresta da porta, para não deixar escapar a fumaça. *Bom Ar*, incenso, colírio, risos, pipoca no micro-ondas, biscoito recheado. Faz-se brigadeiro no pequeno fogareiro da lavanderia que, em teoria, só se poderia usar para ferver água.

Os vizinhos da frente usam uma luneta para nos espiar.

Quando saímos escondidas, não tiramos o pininho do quadro de residentes.

Subimos o alto da rua para conversar com os moleques.

Cada uma tem uma cidade e uma história. Eu tenho as minhas.

Praça Martins Leão, 21/215, Solar das Vistas Soberbas, Alto da Boa Vista, Rio de Janeiro. Consegui escapar do pensionato e voltei para a casa desmembrada, o que durou poucos meses. Meu irmão vinte anos mais velho do que eu reapareceu e me levou para morar com ele. Voltei para o interior ainda morando na cidade grande. A postura paternalista do irmão foi a mais severa de todas as vivenciadas até então. Eu tinha um quarto e podia usar o restante da casa, mas não podia receber visitas nem atender a chamadas telefônicas. O apartamento ficava a 3,5 km do ponto de ônibus e eu precisava entrar às 7h na escola, que ficava a 20 km dali. Pegava carona com desconhecidos e hoje agradeço a quem quer que seja por nada ter me acontecido naquele período. Meu irmão resolveu fazer uma obra no apartamento, me obrigando a buscar outro lugar para morar.

9.

Tudo em madeira, até as paredes. As janelas começam no chão e tocam o teto. A vista seria verde se a neblina não deixasse tudo algodão. A nuvem avança pela casa, mas é dissipada pelo calorzinho do aquecedor. Carpete velho, manchado, com alguns caroços de milho de pipoca que não deram certo. Cheiro de queijo frito. Murrinha de cachorro molhado. Azulejo azul e branco no banheiro mais frio da vida, de sair fumaça da boca. Odeio incenso, mas acendo um para dar mais personalidade ao meu quarto. Também fumo cigarros. Uso a parte de baixo da bicama como mesinha de cabeceira para guardar tudo a que preciso ter alcance sem ter que sair do confinamento do edredom.

A casa que deu início ao condomínio é utilizada para festas. É uma mansão vulgarmente chamada de "casarão fantasma". Hoje ninguém lá reside, os quartos são trancados e as áreas sociais são mantidas para o desfrute dos condôminos. Ali, tão perto da minha casa, tenho acesso a um outro mundo, outro tempo. 1925, talvez. Tem uma sala de sinuca aonde sempre vou. Piano, candelabros, biblioteca, tapetes gigantes, mesa de 12 lugares, luminárias que começam no terceiro andar e terminam no primeiro, ecos. Já passei a noite ali sem querer, dormente num sofá de couro rachado, entre medo e álcool, lenha e bolor.

Aposso-me daquela casa abandonada e crio ali um lar temporário, um abrigo. De alguma maneira, estabeleço um ambiente para alojar-me o quanto for possível. Monto a minha pequena estrutura acolhedora. Entro naquela sala estranha e faço dela minha e desfaço-me dela em seguida, em tempo recorde. Histórias novas que se desenlaçam a cada instância. A apropriação daquele lugar indevido. A ocupação daquele imóvel. Ninguém clama e eu invado. O lugar inóspito passa a ser a minha casa, com prazo de validade indeterminado.

A memória deixa de ser infantil quando saio do Brasil. A marca da partida encerra a adolescência. Como estrangeira em outros países, todas as casas em que vivi passaram a ser remontagens das minhas casas antepassadas. De certa forma, recriei os ambientes vividos para me sentir mais próxima de "casa", mesmo não tendo origem definida nem um abrigo certo para voltar, apenas a ideia, ou utopia, do lugar cálido e acolhedor. Todos os cantos que tive não foram de todo habitados, porque foram transitórios. O trânsito fez parte da minha vida de passante. Pessoa que não se deteve nem fincou raízes. Tartaruga urbana que sente prazer na busca por um novo lugar, um recomeço. Uma nostalgia estimulante.

Os lugares que conhecemos não pertencem [...] ao mundo do espaço, onde os situamos para maior facilidade. Não eram mais que uma delgada fatia no meio de impressões contíguas que formavam a nossa vida de então; a recordação de certa imagem não é senão saudade de certo instante; e as casas, os caminhos, as avenidas são fugitivos, infelizmente, como os anos.⁷

⁷ Ibid., p. 508

Capítulo 2 / Das imagens apropriadas

Era impossível dormir.

Estou desprovido de tudo, confinado ao lugar mais parco, menos habitável.

Como é maior o espaço que o pássaro movediço!

Mas aqui não há alucinações nem imagens.

Hoje em dia é muito difundido admirar-se com a magia do passado imediato.

Recordo o lugar com asco.

Os quartos são modernos, suntuosos, desagradáveis.

... vivi numa ruína incômoda.

Em duas ocasiões análogas fiz minhas descobertas nos porões.

Procurei frestas, portas secretas.

Abri um buraco: viu-se uma claridade celeste.

As paredes, o teto, o piso eram de porcelana azul-celeste, e até mesmo o ar tinha a diafanidade celeste e profunda que há na espuma das cataratas.

Descobri uma porta secreta, uma escadaria, um segundo porão.

Continuei a percorrer o segundo porão, intermitentemente escoltado pela revoada solícita dos ecos, multiplicadamente sozinho.

Passei horas entre as cortinas, angustiado com o esconderijo que havia escolhido.

Por quê a abandonaram?

Apagaram-se os ruídos.

Havia o silêncio, o ruído solitário do mar, a imobilidade com fugas de centopeias.

Esqueci que os horrores por que estava passando acontecem apenas em sonhos.

Os ecos de um suspiro fazem ouvir suspiros, próximos, distantes, durante dois ou três minutos.

Onde não há ecos, o silêncio é tão terrível quanto aquele peso que não nos deixa fugir, nos sonhos.

O projeto dessa casa, infectada de ecos.

Segui a tradição dos solitários; também eu comi raízes.

Alguma vez pude ir embora?

Acometiam-me sonhos que não se cansavam.

Tive que buscar abrigo.

Como se tivessem aparecido apenas em minha visão ou imaginação.

Ainda perdura o assombro.

Entre os ruídos, comecei a ouvir fragmentos de uma melodia concisa, muito remota... Deixei de ouvi-la e pensei que teria sido uma dessas figuras que aparecem quando observamos por algum tempo as manchas de umidade.

Aqui vivem os heróis do esnobismo (ou os pensionistas de um manicômio abandonado).

Sem espectadores - se é que não sou eu o público previsto desde o início - a fim de serem originais.

Minhas decisões talvez me devolvam àquele passado.

Não tenho medo.

Pelo lugar solitário, pela escuridão.

Passaram outros minutos de silêncio.

(como se eu corresse o perigo de tocar um fantasma)

O silêncio aumentava, ineludível.

Desconfio. Estou pronto para surpreender a conspiração mais silenciosa.

Talvez a natureza me sirva para acabar com o silêncio.

O pretexto é que agora meus atos me conduzem a um de meus três futuros. Qual deles será o meu? Mesmo assim, a redação e a leitura destas memórias podem me ajudar nessa previsão; quem sabe também me permitam cooperar na produção do futuro conveniente.

Agradou-me ser um morto insone.

A dificuldade de possuir diversas consciências equilibradamente, simultaneamente.

Sem refúgio, perduto neste monólogo que, a partir de agora, é injustificável.

O pesadelo continua... Meu fracasso é definitivo e me ponho a contar sonhos. Quero despertar, e encontro aquela resistência que nos impede de escapar aos sonhos mais atrozes.

– Não é hora para histórias de fantasmas.

A influência do futuro sobre o passado.

A fácil associação das palavras *perseguido, solitário, misantropo*.

O atroz eterno retorno.

Em nossas atitudes ocorrem inesperadas, constantes repetições.

Como no teatro, as cenas se repetem.

Temí que essa descoberta fosse o mero efeito de uma languidez em minhas recordações ou da comparação de uma cena real com uma simplificação obrada pelo esquecimento.

Bastava olhar para os móveis e as paredes, como que revestidos de isolamento, para convencer-se de que não havia ninguém ali. Mais: para convencer-se de que jamais houvera ninguém.

Gritei pela casa vazia.

Desejava a claridade da luz elétrica.

"Não é hora para histórias de fantasmas."

Defronte, topei com uma porta aberta, um quarto iluminado e vazio.

Senti um medo quase convulsivo. Estava para fugir, mas, antes de sair, percorri a casa, em imaginação, à procura de um esconderijo seguro.

Tratei de não me mexer, de tentar ver na escuridão, mas a respiração e o espanto eram irreprimíveis.

Tive nostalgia daquele momento em que me senti senhor da subordinada solidão.

Não creio que seja indispensável tomar um sonho por realidade, nem a realidade por loucura.

Recapitulei minha vida.

Na solidão, é impossível estar morto.

Se agora não parece natural, a culpa é da arte ou da memória. Foi natural.

Havia lembrado que os quartos espelhados eram infernos de famosas torturas.

Nossos hábitos supõem uma maneira de acontecer das coisas, uma vaga coerência do mundo.

Agora a realidade se afigura alterada, irreal. Quando um homem desperta ou morre, tarda a se desfazer dos terrores do sonho.

A casa me parecia ilimitada.

Estar numa ilha habitada por fantasmas artificiais era o mais insuportável dos pesadelos.

A clara mas não deslumbrante luminosidade permite esperar uma perda verdadeiramente exígua na captação de imagens.

Todos os aparelhos para fazer frente a ausências são, portanto, meios de alcance.

Entrei no buraco aberto na parede e fiquei... Estou me deixando levar pela emoção. Preciso compor as frases.

Primeiro vi, toquei os pedaços de alvenaria, de um lado polidos, do outro ásperos, terrosos; depois, numa visão tão lúdica que parecia efêmera e sobrenatural, meus olhos deram com a azul-celeste continuidade da porcelana, a parede incólume e inteira, o quarto fechado.

Comovia-me o horror de estar num lugar encantado e a revelação confusa de que a magia se mostrava a incrédulos como eu, intransmissível e mortal, a fim de se vingar.

Acosado pelas terríveis paredes azuis-celestes, levantei os olhos para a claraboia que as interrompia.

Dóceis como fantasmas.

Não será um quarto, mas um canto de outro.

Sair daqui não há de ser difícil.

Parece inútil procurar inevitáveis analogias com os moribundos que fazem projetos de longos futuros ou que vêm, no instante em que se afogam, uma minuciosa imagem de sua vida inteira.

A fim de me conter, escrevo.

O desespero.

Um desdobramento em ator e espectador. Ocupei-me em me sentir num cenário.

Ignoro quais são as moscas verdadeiras e quais são as artificiais.

O fundamento do horror de ser representado em imagem está na crença de que, ao se formar a imagem de uma pessoa, a alma passa para a imagem e a pessoa morre.

"Terão que me desculpar esta cena, primeiro aborrecida, depois terrível. Haveremos de esquecê-la."

Se perdeu com os gestos e os sonhos de um passeio alheio.

Aparições e desaparecimentos.

O interruptor, as maçanetas emperradas. Cortinas inamovíveis.

Fantasmas imperfeitos.

Biombo de espelhos.

Resta o mais implausível: a coincidência, num mesmo espaço, de um objeto e de sua imagem total. Este fato sugere a possibilidade de que o mundo seja constituído, exclusivamente, de sensações.

Um espectador desprevenido pode imaginar que não sou um intruso.

Entreí naquele mundo; já não é possível suprimir a imagem.

Minha alma não passou, ainda, para a imagem; caso contrário, eu já teria morrido.

Capítulo 3 / Da extratemporalidade dos espaços habitáveis

Habito aquilo que seria um híbrido entre a noção antropológica de lugar (espaço que se define como identitário, relacional e histórico) e a de não-lugar (espaço não permanente e impessoal, que não produz laços afetivos, e que as relações aí estabelecidas são de caráter superficial e efêmero)¹. Habito o que carrega uma memória impregnada que atíça a minha curiosidade. Habito o que propicia a desorientação por provocar a sensação de recuperação e perda simultâneas do tempo. Habito o hiato do percurso entre um lugar e outro.

A identidade, no plano do vivido, vincula-se ao conhecido reconhecido. A natureza social da identidade, do sentimento de pertencer ou de formas de apropriação do espaço que ela suscita, liga-se aos lugares habitados, marcados pela presença, criados pela história fragmentária feita de resíduos e detritos, pela acumulação dos tempos.²

¹ AUGÉ, M., *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP : Papyrus, 1994.

² CARLOS, A. F. A., *O Lugar No/Do Mundo*, p. 116.

Habito o interior de cômodos, que têm teto, chão, parede, porta e janela, e que na fotografia não pertencem a ninguém em particular além de mim. Habito lugares que apresentam de alguma forma a reminiscência de seu uso como moradia, podendo produzir sensações de abrigo, intimidade, isolamento, nostalgia, abandono, silêncio e fronteira. A fotografia não revela os personagens que ali residem de tanto em tanto, provisoriamente, mas sim a atmosfera residual consequente dos vestígios deixados. A carga emocional das tralhas rejeitadas faz imaginar as histórias de seus donos.

Esas paredes, esas ventanas, esos interiores, otros tantos recuerdos que se balancean entre el preconciente y el inconciente, y que de este modo se imponen como arché.

Esta marcha fotográfica en esta casa es una búsqueda en el interior de la arquitectura pasado-presente de lo que llamamos nuestro yo. El hombre es una casa donde circulan extraños.³

As edificações antigas, especialmente aquelas em estado precário de conservação, carregam sinais da trajetória do tempo impressos por todos os lados. Esses sinais, sejam de perenidade ou de deterioração, em contraste com objetos abandonados espalhados pelo interior, constroem a ponte que busco entre ocasiões fragmentadas, tanto entre passado x futuro, como entre imóvel x móvel. Através da fotografia e do seu/meu gesto autoritário, aprisiono tempos remotos que se materializam em coisas e espaços. Busco marcas temporais no/do lugar e as misturo com as lembranças que me suscitam. Trata-se, de certa forma, de uma investigação forense onde os resíduos encontrados decodificam perguntas do tipo "quem", "o quê", "onde", "com quê", "por quê", "como" e "quando".

³ "Essas paredes, essas janelas, esses interiores, outras tantas recordações que se alternam entre o preconsciente e o inconsciente, e que deste modo se impõem como *arché*. Este ensaio fotográfico nesta casa é uma busca no interior da arquitetura passado-presente do que chamamos nosso eu. O homem é uma casa na qual circulam estranhos." (SOULAGES, F., *Estética de la fotografía*. Buenos Aires : La Marca, 2005, tradução nossa)

Esses espaços me são estranhamente familiares porque carregam afinidades identitário-histórico-afetivas, que os constituem como lugares. Estimulam a recuperação de lembranças fugidias ao eliminarem os perímetros do real e do irreal com o intuito de provocar uma ambiguidade perturbadora e de expor certas angústias identitárias do eu e do outro, da presença e da ausência. Quando fotografo, transponho a leitura dos espaços efêmeros que habitei com aqueles que agora habito, registrando o espaço-entre de habitações transitórias (o espaço vivido) e produzindo novas narrativas para o presente. E assim, cada narrativa se desenrola em outras narrativas, como imagens que geram imagens, num processo infinito. Ao recontar é preciso acrescentar informação, seja pela falta, excesso, ou invenção de memória. Não se trata aqui de fazer um repasso preciso da história verídica, de reproduzir fielmente ambiências vivenciadas, mas de coletar eventos que pipocam na memória, trazendo-os à luz de forma consciente e espontânea. Jacques Le Goff afirma que a memória nunca é somente resgate, é também construção. Ela é fiel, mas, também, móvel.⁴ Portanto, não se trata de recorrer à memória de forma abusiva, olhando somente para o passado. A faculdade do esquecimento torna-se importante nesta equação, porque quando há um impedimento de transmissão da memória, ela se preserva em um silêncio eloquente.

Daquelas lembranças abandonadas por tanto tempo fora da memória, nada sobrevivia, tudo se desagregara; as formas se haviam anulado ou então, adormecidas, tinham perdido a força de expansão que lhes permitiria alcançar a consciência. Mas quando mais nada subsiste de um passado remoto, após a morte das criaturas e a destruição das coisas, sozinhos, mais frágeis porém mais vivos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o odor e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, lembrando, aguardando, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, e suportando sem ceder, em sua gotícula impalpável, o edifício imenso da recordação.⁵

⁴ LE GOFF, J., *Memória*, p. 14.

⁵ PROUST, M., *No caminho de Swann*, p. 73-74.

Quanto às imagens produzidas nesses *lugares habitáveis*, penso no conceito *bergsoniano* de imagem e sua existência situada a meio caminho entre a "coisa" do realista e a "representação" do idealista. Bergson associa o corpo à imagem, ligando a percepção à ação, o ver ao agir (esquema sensório-motor). A percepção dispõe do espaço na exata proporção em que a ação dispõe do tempo. Não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Considera, assim, duas memórias: a que imagina e a que repete. A primeira registra sob forma de *imagens-lembranças*, ou seja, através do passado que aflora à consciência, transformando a memória em imagem. A segunda se volta para a ação, encenando o passado. Trata-se de um sistema de atualização de experiências anteriores de acordo com uma necessidade, uma utilidade; trata-se de um tempo artificialmente construído pela inteligência. Uma imagem pode "existir" sem "ser percebida", pode estar presente sem ser representada. A distância entre presença e representação mede o intervalo entre a matéria e a percepção consciente que se tem dela. A percepção é então representada como uma imagem fotográfica. A memória é composta de imagens passadas, sobreviventes, que se somam constantemente à nossa percepção do presente, podendo inclusive, substituí-la. Essas imagens apenas se conservam para serem úteis; a todo momento completam a experiência presente, enriquecendo-a com a experiência adquirida.

A alegoria se instala mais duravelmente onde o efêmero e o eterno coexistem mais intimamente.⁶

Walter Benjamin, diferentemente da abordagem histórica linear que toma o passado, presente e futuro de forma progressiva, cronológica, evolutiva e contínua, trabalha com os conceitos de repetição e temporalidade intensiva, valorizando o presente e desprezando o passado estático, numa experiência possível de englobar tanto o passado individual como o

⁶ BENJAMIN, W. *A origem do drama barroco alemão*, p. 247.

coletivo através da rememoração, obtendo daí extratos capazes de construir imagens abertas à interpretação. "A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de 'agoras' (*jetztzeit*)."⁷

Benjamin propõe o conceito de imagem dialética, a qual une o passado e o presente de forma repentina e atemporal. "A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido."⁸ A imagem dialética ou dialética parada é um momento do passado arrancado do fluxo histórico para adquirir sua legibilidade no presente. "A imagem dialética é como um relâmpago. Portanto deve-se reter a imagem do passado (...) como uma imagem fulgurante no agora do cognoscível."⁹ Trata-se de descontinuidade e fragmentação, de uma quebra de memória em lembranças desconexas. A semelhança entre as coisas subsiste na ausência destas coisas, na falta que elas fazem. É a semelhança que preserva na memória coletiva as imagens do que "poderia ter sido". A *reconhecibilidade* dos acontecimentos se dá no presente através da confluência entre a interrupção e a fugacidade. O acontecimento é da ordem da interrupção como o é a fotografia.

Não se deve dizer que o passado ilumina o presente ou que o presente ilumina o passado. Uma imagem, ao contrário, é onde o Antigo encontra o Agora em um raio para formar uma constelação. Em outras palavras, a imagem é a dialética parada. Porque, enquanto que a relação do presente com o passado é puramente temporal, contínua, a relação do Antigo com o Agora é presente e dialética: não é algo que se escoe, mas uma imagem descontínua. Somente as imagens dialéticas são imagens autênticas.¹⁰

⁷ *Sobre o conceito da história*, in Walter Benjamin. *Obras escolhidas I*, p. 229-230.

⁸ *Sobre o conceito da história*, ed. cit. p. 224.

⁹ *Parque Central*, in Walter Benjamin. *Obras escolhidas III*, p. 168.

¹⁰ BENJAMIN, W. *Das Passagen Werk. Paris Capitale du XIX Siècle – Le livre des Passages*.

Em analogia ao conceito da imagem dialética, a linguagem fotográfica que utilizo sugere uma narrativa capaz de combinar 'outroras' e 'agoras' de forma atemporal. Fotografia esta que encarna o instante, o relâmpago. "A percepção das semelhanças (...) parece estar vinculada a uma dimensão temporal. A conjunção de dois astros, que só pode ser vista num momento específico, é observada por um terceiro protagonista, o astrólogo."¹¹ O astrólogo neste caso sou eu que, mesmo concebendo o trabalho na esfera do passado privado, entrego-o ao público – ao coletivo – como arte aberta a interpretações.

Uma interpretação, na verdade, faz jorrar conexões que são atemporais, sem serem por isso desprovidas de importância histórica. As mesmas 'potências' que no universo da revelação (isto é, da história) se fazem temporais sob um modo explosivo e intensivo, surgem no universo do mistério (é o da natureza e das obras de arte) sob o modo intensivo (...) as ideias são estrelas no oposto do sol da revelação. Elas não brilham em pleno dia da história, elas não agem aí senão de maneira invisível. Elas só brilham na noite da natureza. Donde as obras de arte se definem como modelos de uma natureza que não espera nenhum dia, logo que não espera tampouco o dia do julgamento, como os modelos de uma natureza que não é a cena da história, nem o lugar onde reside o homem. A noite salva.¹²

Ítalo Calvino, em sua obra *As cidades invisíveis*, traz a figura recorrente do viajante, ecoando ideias *benjaminianas* de temporalidade. O protagonista andarilho, com o qual me identifico, resgata o passado e mistura lugares, tempos e experiências desconexas, criando um grande labirinto de possíveis trânsitos, sem origem ou fim definidos.

[...] Aquilo que ele procurava estava diante de si, e, mesmo que tratasse do passado, era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos.

¹¹ *A doutrina das semelhanças*, in Walter Benjamin. *Obras escolhidas I*, p. 110.

¹² BENJAMIN, W. *Correspondance*, p. 295.

[...] Agora, desse passado real ou hipotético, ele está excluído; não pode parar; deve prosseguir até uma outra cidade em que outro passado aguarda por ele, ou algo que talvez fosse um possível futuro e que agora é o presente de outra pessoa. Os futuros não realizados são apenas ramos do passado: ramos secos. [...]

– Os outros lugares são espelhos em negativo. O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá.¹³

Calvino inventa cidades com base no imaginário da cidade natal do viajante, Veneza. Trata-se de imagens múltiplas provenientes de uma mesma origem. "Inventam colagens casando citações de passados com extratos de presentes para fazer deles séries (processos gestuais, itinerários narrativos) onde os contrários simbolizam."¹⁴

Nesta linha, pode-se pensar na contemporaneidade e na infinidade de imagens produzidas diariamente. O acervo imagético de cada indivíduo é tão imensamente poderoso que nele, muitas vezes, pode-se confundir as imagens vividas com as reproduzidas em filmes, por exemplo, propiciando a criação de uma falsa memória e a elucubração de fantasias e ficções. É como se a memória tentasse compensar uma lacuna no passado, proveniente dessa aceleração. "O novo milênio começa nesta contradição entre um tempo acelerado, que impede o transcorrer do presente, e uma memória que procura tornar sólido esse presente fulminante que é mais recente. Para sintetizar: trata-se de uma cultura da velocidade e da nostalgia, do esquecimento e da comemoração de aniversários."¹⁵

Outro aspecto contemporâneo importante é a alta mobilidade das pessoas, que permite que tanto a memória quanto a identidade passem a ser móveis, maleáveis, adaptáveis, desvinculadas de tempo, lugar e história, podendo ser renovadas e reinventadas de acordo

¹³ CALVINO, I., *As cidade invisíveis*, p. 28-29.

¹⁴ CERTEAU, M., Luce Giard e Pierre Mayol. *A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar*, p. 199.

¹⁵ SARLO, B., *Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura*, p. 96.

com a escolha de cada um. Michel de Certeau menciona a capacidade de se transferir a memória por conveniência, sendo esta mediadora das transformações espaciais.

A méfis aponta com efeito para um tempo acumulado, que lhe é favorável, contra uma composição de lugar, que lhe é desfavorável. Mas a sua memória continua escondida (não tem lugar que se possa precisar), até o instante em que se revela, no "momento oportuno", de maneira ainda temporal embora contrária ao ato de se refugiar na duração. O resplendor dessa memória brilha na ocasião. [...]

A coisa mais estranha é sem dúvida a *mobilidade* dessa memória onde os detalhes não são nunca o que são: nem objetos, pois escapam como tais; nem fragmentos, pois oferecem também o conjunto que esquecem; nem totalidades, pois não se bastam; nem estáveis, pois cada lembrança os altera. Esse "espaço" de um não-lugar que se move com a sutileza de um mundo cibernético. Constitui provavelmente (mas esta referência é mais indicadora que esclarecedora, remetendo ao que nós não sabemos) o modelo da arte de fazer, ou desta *méfis* que, aproveitando ocasiões, não cessa de restaurar nos lugares onde os poderes se distribuem a insólita pertinência do tempo.¹⁶

Pode-se dizer que a mobilidade é o que excita a imaginação, libera lembranças e emoções, e faz reviver narrativas e flagrantes de experiências passadas. "A lembrança constitui o trajeto, obscurece as distâncias, põe em relação. O caminhar permite a recolha de fragmentos de histórias passadas e do lugar."¹⁷ É desta forma, através do deslocamento constante, que meu projeto fotográfico se desenvolve, pela busca de novos espaços cabíveis de serem transformados em habitat. Andando e apropriando-me de territórios aparentemente conhecidos, encontro o reconhecido. As imagens revelam o resultado do que existiu no cotidiano dos espaços instáveis pelos quais passei. A fantasia só se dá através dos vestígios desgarrados, que sugerem as ações que ocorreram ou que podem vir a ocorrer, sinalizando que o lugar não está de todo vazio, mas apenas momentaneamente desocupado.

¹⁶ CERTEAU, M., *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*, ed. cit. p. 158 ; p. 165.

¹⁷ ARANTES, A.A., *A Guerra dos Lugares: Sobre Fronteiras Simbólicas e Liminaridades no Espaço Urbano*. ed. cit. p. 199.

Saio de casa em direção à padaria. Escolho um caminho novo e faço o exercício de observar as ruas com olhos estrangeiros. Aprecio prédios, estabelecimentos comerciais, transeuntes, carros.

Em meio às construções, vejo um edifício aparentemente abandonado. Um sobrado com janelas quebradas e ramos de árvores que saem do telhado. Fico intrigada com o estado de deterioração daquilo que um dia foi a casa de alguém e começo a me questionar sobre a história do lugar, das pessoas que ali viveram, e daquelas que possivelmente habitam de tempo em tempo aquele endereço anônimo.

Quero entrar na casa.

Minha primeira atitude é procurar um vizinho que possa me dar alguma informação sobre o imóvel. Pergunto ao jornaleiro, ao rapaz do açougue, até perceber que há um homem lavando uma moto do outro lado da rua que me espia enquanto espio.

O motoqueiro José conta que aquela "casa fantasma" foi construída na época do Império, há aproximadamente 200 anos; que há problemas com os herdeiros; que não existem planos de reforma; que o estado do imóvel é precário e que corre risco de desabamento.

José tem a chave. Ele descola uma grana fazendo "visitas guiadas à casa fantasma". Junto com mais dois Josés, vela o imóvel.

Peço para visitar o interior da casa. Um dos Josés, que já se encontrava dentro, com uniforme de guarda, me conduz aos fundos do segundo andar. Como num jogo de amarelinha, saltamos de um lado a outro para evitar que o piso desabe.

O sol rasga a sala através das telhas quebradas. A janela, que não fecha, deixa a luz atravessar.

Paredes ornamentadas com tijolo aparente e pintura velha *craquelada*.

Um altar com uma santa está embutido no canto do quarto.

Restos de inscrições numa sala dos fundos indicam que ali funcionou uma agremiação.

Teias de aranha, ninhos, penas, ovos.

Piso em fezes de pombo num ruído peculiar.

Sacos de concreto e demais materiais de construção obstruem uma entrada e denunciam a intenção de se fazer uma obra.

Baldes, cadeiras, pentes, e outros tantos objetos deixados para trás pelo vigia ou pelo mendigo que dorme ali quando o José deixa.

Presencio, então, um lugar onde tempos fragmentados, passado e presente, agem simultaneamente e são capazes de reciclar e atualizar a história da casa, por vezes abandonada, por vezes habitada.

Capítulo 4 / Do espaço habitado

8h desocupo meu apartamento na Rua Paulino Fernandes.

A mudança vai em direção à casa nova, na Rua Dona Mariana.

Sinto uma dor terrível, choro compulsivamente, tenho medo de todo o desconhecido.

Um cansaço sobrenatural toma conta e a fragilidade é inevitável.

15h encontro, sem programar, a minha família.

Almoçamos juntos, como não acontecia há tempos.

18h chego no Minhocão, local da residência artística, atual moradia permanente até o dia 20 de dezembro.

O medo vira alívio.

O desconhecido vira vizinho.

O apartamento 613, da Dona Leda, vira minha casa.

Isto aqui não é um hotel, é a minha casa.

Hoje faz 17 anos que meu pai morreu e fui obrigada a me mudar pela 8ª vez.

Hoje fiz minha mudança de número 26.

Encontrei minha família e despedi-me dela.

Conheci uma família nova.
Senti-me recebida com calor, carinho e atenção.
O medo do desconhecido terminou na amabilidade do outro.
Muitas são as janelas neste prédio de muitos.
Sensação de que tudo ficou para trás.
Sinto-me tão longe do presente próximo e tão perto de um passado qualquer,
de cidade pequena e vizinhos queridos.
O apartamento tem vista de torre e ar de casa.
Estou acolhida em meio aos pertences da Dona Leda.
Faz três meses que ela partiu.
Os objetos ainda quentes, cachorros de porcelana que latem calados na estante.
Imagino como seria a sua vida, junto à família com a qual agora convivo.
Faço retratos a fim de homenagear os que aqui vivem.
Vejo nos seus olhos uma ternura de agradecimento por meu gesto simples e
afável.
Participei da alegria do corredor – parte rua, parte pátio, parte sala –, local
onde crianças deitam, eu deito, comida se apronta, comparte-se cerveja, música
e conversas.
Respeito esta casa como se fosse minha.
Ela agora me pertence.
Vejo as manchas das infiltrações no teto, mas não me abalo.
Desvio o olhar para o Jesus emoldurado, com um tercinho pendurado nele, e
sinto-me feliz.
Fogos de artifício, hino de futebol e tantos outros sons embalam a minha noite.
É bom estar sozinha e ter silêncio.
Existe um momento de paz em que o descanso é necessário.

Não mais me pressiono com decisões.

Vivo cada instante com intensidade, nem muita nem pouca, mas de forma genuína.

Quero estar aqui e todo o resto me importa de menos.

Não me atinge a precariedade do lugar.

Isso não sobressai na minha experiência romantizada desta casa.

Vivo outra década em 15 dias do ano de 2009.

Hoje faltou água.

A mãe da Ilka morreu.

O pai das crianças bateu na esposa e apontou uma arma na frente da menina.

Eu chorei e brinquei com a criançada ao mesmo tempo, já que me pareceu mais sensato tentar distrair.

Há seis anos o D. bate na M.

Tiveram dois filhos e ela é mãe desde os 14.

Hoje ela tem 21 e dormirá fora de casa.

A molecada pega a câmera russa de antigamente e brinca estarrecida.

Querem apertar o disparador mesmo antes de escolher a foto.

A curiosidade é linda e anima o processo de convívio.

Tinha um menino especialmente interessado.

Sério, arisco, ele pegava a câmera decidido.

Cada criança com seu encanto.

Um somatório de mini-personalidades que fazem deste lugar único.

Desenharam até dormir.

suco de goiaba+suco de uva+guaraná+canetinha+lápis de
cera+papel+guaraná+papel+caneta+guaraná+tv+chave de casa+sono.

Gosto de dormir cheirando o pé da mamãe.

O chulé dela é bom.

Ela namorava o dono da mercearia que morreu.

Hoje em dia quem toma conta, de favor, é o tio.

Ele traz o pão fresco de manhã e viaja para Campo Grande no fim de semana.

Aqui no corredor somos todos uma família.

Havia até o plano de juntarmos os apartamentos, abrindo uma janela entre as
salas, para as conversas mais privadas.

Mas ficaram com medo da tia do outro lado, que era muito encrenqueira.

Já somos a quarta geração de mulheres.

As famílias cresceram juntas, se multiplicaram.

A do 614 é madrinha da do 612, que é madrinha da do 614, e assim vai.

Acharam um filhote de cachorro abandonado e ninguém podia ficar com ela.

A menina chorou muito porque queria a cadelinha.

Os outros cachorros do corredor sentiram o cheiro e ficaram alvoroçados.

Todos pro banho para tirar a murrinha.

Faz muito calor e muita preguiça.

O ventilador toca uma musiquinha que dá sono.

Ventinho quente, abafado, de tarde morta.

Nem café dá jeito.

Chego na janela para ver a paisagem de longe, mas o sol da tarde castiga.

Dou a volta para a outra vista e o pessoal lá embaixo está queimando cobre.

Mais calor, mais fumaça.

As crianças não sentem nada disso e brincam eufóricas na beira da laje.

Os mais sortudos foram para a piscina de algum parente.

Espero alguém bater na porta, mas me lembro de que já está aberta.

É só entrar.

A buzina do padeiro toca alto, a manicure trabalha no corredor.

A cachorra Madona dorme feliz de barriga na cerâmica fria.

O perfume do recém-banhado invade a sala.

Vai chover.

As nuvens se aproximam.

De pequena eu batia muito nela e também batia nos outros que queriam bater nela.

Só eu podia bater.

Minha filha bate na filha dela.

Sempre fomos melhores amigas.

Eu bato o bolo para ela, para você e para a vizinha, e assim não dá ciúme.

É melhor comer ainda quentinho, com o brigadeiro mole.

Passos, cachorros, pássaros, maquita, chuva, carros, buzinas, crianças, vassoura raspando o chão, bola, motor de caminhão.

Tiros.

Parece que são dentro de casa, no corredor.

São no morro.

Algumas pessoas continuam tomando cerveja na mureta.

No mesmo minuto meu telefone toca.

Coração aperta.

Mudo de canal. Pânico. Xurupita.

Estranho receber visita numa casa que não é mesmo minha.

Os amigos viraram turistas, observadores passivos da minha vida.

Os assuntos são restritos e só falamos do pertinente a este lugar.

Ninguém quer saber como estou, mas sim como estou vivendo.

Pela primeira vez tive vontade de ir embora.

Só senti o cheiro de xixi de gato porque me contaram que estava forte.

Não gostei de ser vista como numa experiência exótica.

Não tem exotismo aqui.

O que se vive é puro e bastante verdadeiro.

Me incomodo com o olhar de reprovação e questionamento.

E mesmo eu sendo uma estrangeira, também me incomoda o olhar estrangeiro do outro.

Prefiro ficar só com os meus botões e meus filhos postiços.

O quarto é rosa.

Ao abrir a porta de manhã, vejo um corredor iluminado de verde e amarelo, com rasgos de sol pelo chão, pelas portas, pelos livros na estante.

A penumbra matinal é filtrada por cortinas e toalhas, aquecendo os objetos com uma luz fraquinha.

O Snoopy de porcelana recebe um fecho especial, quase um holofote.

À noite o vão da escada é lilás, cintilando pequenos quadrinhos na parede.

Meu tio ganhou este apartamento quando trabalhava para o governo, mas como preferia morar perto do jardim, cedeu-o para os meus pais.

Eu tinha 5 anos.

Um dia um funcionário do CEHAB veio investigar e regularizar os moradores.

Pelo sobrenome da família ele reconheceu que era sobrinho da minha mãe.

Não se viam há pelo menos 30 anos.

Vivo com minhas filhas, netas e meu novo marido.

Não penso em sair daqui até morrer.

Muitos já vi chegar e passar, e hoje tomo cerveja sozinha por falta de companhia.

Desta vez pensei que fossem fogos, mas eram tiros de verdade.

O motoqueiro não caiu e a polícia foi atrás dele.

Rapidamente o pancadão deixou de ser funk e virou *pow-pow* com sirene.

Aqui tudo ainda em paz.

Strogonoff com arroz.

A água voltou, a chuva parou.

O telefone tocou e boas notícias chegaram.

Desde que moro nesta casa, toda vez que o telefone toca, recebo uma boa notícia.

Hoje me disseram que faço família em todo lugar.

No início da residência artística eu não podia imaginar que isto de fato aconteceria.

Sentir-se acolhido não necessariamente significa ter afinidade.

Hoje deixei a casa que me devolveu um tanto de coisa que havia perdido por aí.

Tive que sair e abraçar e chorar e doer.

Tive que prometer para mim mesma que aquele amor inventado em tão pouco tempo não cessaria naquela partida.

Volto para o Natal.

Volto para aquele corredor que foi tão casa quanto a minha casa.

Volto para o calor das histórias embaladas a risos e gritos.

Ontem vi um álbum de fotografias antigas.

Ri das caretas das crianças que hoje são adultos.

Vi a semelhança genética das pessoas e a permanência grifada daquele cobogó, daquele corredor.

Agora eu estou sem casa, mas de volta a um cômodo fechado, sem comunicação externa além do barulho da rua movimentada e urbana do bairro de Botafogo.

De volta a braços confortáveis que estavam adormecidos aqui.

Fecho o olho e um rostinho de criança vem na lembrança.

Sorrio.

Eles ficaram de me ligar para saber se eu tinha chegado bem.

Difícil responder a uma pergunta dessas num momento em que conquisto tanto, me emociono tanto, mas deixo algo muito potente para trás.

Não existe mágica que faça com que aqueles dias se prolonguem.

As fotografias que eu fiz servirão de álbum para alguma outra conversa daqui a 20 anos, seja deles, minha ou nossa.

Servirão de mapa para me levar de volta àquele lugar e adoçar a memória.

Toda bala Juquinha me levará ao esconderijo, ao pote verde em forma de maçã, onde reencontrarei aquela felicidade.

Muitos fogos.

Uns de artifício, outros de verdade.

Queimaram o mato todinho.

Em vez de verde, agora é preto.

Uma pipa voa bem alto e, depois que avisto a primeira, já são dezenas dançando no céu.

Hoje é dia de festa.

Bolinho de bacalhau em muitas casas.

As famílias trabalham e celebram ao mesmo tempo.

Voltei ao corredor encantado e reencontrei os amigos.

Até o de 5 aprendeu a escrever "afeto" com pauzinhos de madeira.

Os sofás e a cortina novos chegaram.

A sala se ilumina das tonalidades recentes.

Um lugar é inaugurado.

As crianças ajudam a limpar, mas sem querer molham a flanela.

A chave esquecida no portão dá entrada a outros menos presentes.

Hoje é dia de festa.

Roupas são estreadas.

A geladeira de um guarda a cerveja do outro.

Eu trouxe pudim.

Latinha, latinha. É a hora do gato comer.

Vai e vem, entra e sai.

Sandálias novas.

Feliz-da-vidá.

Capítulo 5 / Da necessidade de habitar

Tudo o que não invento é falso.

Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão.

Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão.

Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina.¹

¹ BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas : as infâncias de Manoel de Barros*, p. 7; p. 187.

Essa dissertação de mestrado investigou uma produção artística que tem a necessidade de habitar determinados espaços que possam fundar novos lugares. Lugares que habitam lugares; que habitam tempos. Lugares que são intercruzamentos entre ficções e realidades. Lugares *desterritorializados*. Lugares que ressurgem da memória. Lugares que produzem imagens.

Não é por acaso que uma fotógrafa optou por utilizar o recurso da colagem também na sua produção acadêmica. Esse texto, impregnado de *copies and pastes* e figuras apropriadas de outros autores e meios, foi composto por pequenos fragmentos de tipografias variadas, de diferentes tempos, tons e silêncios, que trabalham tanto como imagem quanto como palavra.

É importante ressaltar a minha escolha por não citar outros artistas nem a extensa bibliografia de historiadores da arte, da fotografia ou da imagem, e todo o embasamento secular que poderia situar a obra aqui comentada de maneira exemplar, especialmente se considerarmos que esta dissertação provém da Escola de Belas Artes. Foi intencional não seguir o caminho previsto por muitos estudiosos da fotografia e por isso fugi de teóricos como Barthes, Dubois, Krauss, Sontag, Didi-Huberman, entre tantos outros, justamente para evitar que o texto ficasse aprisionado a conceitos que poderiam reduzir meu trabalho apenas à produção fotográfica. Para mim, a fotografia é mais uma ferramenta de construção de ficção e de imagens.

Foi através de fontes interdisciplinares que este texto se desdobrou, combinando elementos biográficos, narrativos, imaginários, fantásticos, filosóficos, sociológicos, psicológicos e literários, funcionando como uma estratégia de construção de discurso e imagem que começou no questionamento artístico individual para adentrar outros panoramas.

Difícil fotografar o silêncio. Entretanto tentei.²

² Id., *Ensaaios fotográficos*, p. 11.

Referências Bibliográficas

- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas : Papirus, 1994.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo : Martins Fontes Editora, 1998.
- BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas : as infâncias de Manoel de Barros / iluminuras de Martha Barros*. São Paulo : Editora Planeta do Brasil, 2010.
- _____. *Ensaio fotográficos*. Rio de Janeiro : Record, 2005.
- BENJAMIN, Walter. *A origem do drama barroco alemão*. São Paulo : Brasiliense, 1985.
- _____. *Correspondance*. Paris : Aubier-Montaigne, 1989.
- _____. *Das Passagen Werk. Paris Capitale du XIX Siècle – Le livre des Passages*. Paris : Les éditions du Cerf, 1985.
- _____. *Obras escolhidas I*. São Paulo : Editora Brasiliense, 1985.
- _____. *Obras escolhidas III*. São Paulo : Editora Brasiliense, 1989.
- BIOY-CASARES, Adolfo. *A invenção de Morel*, trad. Samuel TITAN JR. São Paulo : Cosac Naify, 2006.
- CALVINO, Italo. *As cidade invisíveis*. São Paulo : Companhia das Letras, 1990.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri, *O Lugar No/Do Mundo*. São Paulo : Hucitec, 1996.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ : Editora Vozes, 2008.
- _____. Luce Giard e Pierre Mayol. *A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ : Editora Vozes, 1997.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas*, vol. XVII, Edição Standard (ESB). Rio de Janeiro : Imago, 1919.
- HAMERTON, Philp Gilbert. *Paris in old and present times: with special reference to changes in its architecture and topography*. Londres : Seeley & Co., 1885.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*, tr. E. LEÃO... et al. Petrópolis, RJ : Editora Vozes, 2001.
- LE GOFF, Jacques. *Memória*. In: Memória – História. Enciclopédia Einaudi. v. 1. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar, in *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995*, org. Kate NESBITT ; trad. Vera PEREIRA. São Paulo : Cosac Naify, 2008.
- PAIVA, Tatiana Moreira Campos. Citação retirada do capítulo de tese "Memória, história e herança", submetido ao exame de qualificação em junho de 2009, na PUC-Rio.
- PONTE, Antonio José. *Un arte de hacer ruinas y otros cuentos*. México : FCE, 2005.

- PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*, trad. Mario Quintana. São Paulo : Globo, 2006.
- REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, nº 23, Cidade. IPHAN, 1994.
- SARLO, Beatriz. *Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura*. Rio de Janeiro : José Olympio, 2005.
- SOULAGES, François, *Estética de la fotografía*. Buenos Aires : La Marca, 2005.
- TAVARES, Braulio (ORG.), *Freud e o estranho: contos fantásticos do inconsciente ; contos de E.T.A. Hoffmann...* [et al.] ; trad. Carolina Caires COELHO... et al. Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2007.
- VIDLER, Anthony. Uma teoria sobre o estranhamento familiar, in *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995*, org. Kate NESBITT, trad. Vera PEREIRA. São Paulo : Cosac Naify, 2008.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)